



Reflexões acerca da identidade gaúcha: as múltiplas representações da gauchidade no Galpão Crioulo¹

Rogério Saldanha CORRÊA²

Rossana Zott ENNINGER³

Flavi Ferreira LISBOA FILHO⁴

Universidade Federal de Santa Maria, RS.

RESUMO

Este artigo procura abordar de forma teórica os conceitos de identidade e de representação, aproximando-os da televisão regional do Rio Grande do Sul. Primeiro, discute-se acerca da gauchidade, depois das formações das identidades, diferenças e suas relações com a representação midiática. Depois, apresenta-se uma análise textual acerca da vinheta de abertura e abertura do programa Galpão Crioulo (GC) e por fim identificamos as múltiplas gauchidades no programa.

Palavras-chave: Gauchidade; Identidade; Representação

INTRODUÇÃO:

Neste trabalho pretendemos discutir acerca da identidade e da televisão como fonte de representações e de lugar de construção da gauchidade. Para isso, o foco é a identidade do Rio grande do Sul. A tentativa é realizar uma reflexão dos conceitos em torno da identidade com a televisão regional, questionando as contribuições de cada gauchidade representada no programa Galpão Crioulo para a formação de uma identidade gaúcha.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Recém-graduado no Curso de Comunicação Social – Relações públicas e mestrando em Comunicação Midiática no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM, E-mail: rogeriosaldanha.rp@gmail.com

³ Jornalista e mestranda em Comunicação Midiática no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. Integrante do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM. E-mail: rozenninger@gmail.com

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Pesquisador líder do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM. E-mail: flavilisboa@gmail.com



A mídia em geral, busca na sociedade as formas idetitárias já estabelecidas que constituem as identificações regionais, para reforçá-las ou mesmo construí-las junto ao público. Com isso, a televisão assume um papel fundamental nesse jogo de identidades, tanto na formação de novas, quanto na afirmação ou negação das já existentes, o que acaba suscitando a realização de estudos na área que identifiquem essa relação do midiático com a identidade.

É importante deflagrarmos o porquê deste estudo, ou seja, qual a importância de um estudo midiático. Buscamos então em Roger Silverstone (2001) que os estudos da mídia se fazem importante para compreender o processo ao qual surgem os significados, onde surgem e como afetam a sociedade, tudo isto em um ambiente midiaticizado. Segundo ele a mídia é e sempre será importante, ressaltando que no momento atual ela está num patamar primário em nossas vidas, pautando de alguma forma o nosso cotidiano. Mesmo que não seja percebido nosso dia-a-dia é permeado por conteúdos e assuntos midiáticos, as conversas, as relações, quase sempre são pautadas por esse universo midiático. Primeiramente destacamos a multiplicidade de abordagens que podem suscitar a análise de um produto televisual, transitando entre diversos caminhos metodológicos, os quais, alguns serão trazidos neste trabalho. A televisão está alicerçada em um contexto intensificado pelo capitalismo onde a palavra central é mobilidade, ainda que o dispositivo audiovisual, neste caso a televisão, proporcione a dinamicidade, a mesma está amparada no íntimo, na privacidade, no interior dos lares dos indivíduos. Como destaca Santaella (2006): “num apertar de botões, as imagens passaram a chegar a casas de maneira similar àquela com que chegam à luz, a água e o gás”. Pois bem, esse canhão de elétrons que dispara números exorbitantes de pixels não é apenas um dispositivo tecnológico, mas um dispositivo social.

Vale lembrar que Barbero (2003) destaca que o fato de a televisão ter a família como unidade básica de audiência é porque ela representa para a maioria das pessoas situação primordial de reconhecimento, ou seja, a televisão está no âmago familiar, fazendo parte do cotidiano das pessoas, assim como destaca Santaella (2006) a televisão é quase que objeto obrigatório nas residências, sendo comparada a água, luz e gás.

MAS O QUE É GAUCHIDADE?

A gauchidade sem dúvida é um dos conceitos centrais deste trabalho, vamos buscar junto ao autor LISBOA FILHO (2009) que trabalha com o termo desde sua



etimologia, nossa concepção, que se assemelha em quase todos os aspectos no que foi pretendido pelo autor. Para ele gauchidade busca em sua origem o costume, crença, hábitos, valores e modos de agir, ou seja, perpassa as inúmeras formas de representar a identidade gaúcha. Entendemos que existem diversas maneiras de representar o que é ser gaúcho, desde programas televisivos, até alguns movimentos que deixam o âmbito midiático como as cavalgadas e festivais musicais. É interessante ressaltar que a mídia constrói e retrata muitas vezes alguns aspectos dessas gauchidades, transformando-as então em gauchidades midiáticas, que é o objeto de análise do estudo.

O termo está fortemente ligado a uma série de representações do ser gaúcho, por exemplo, pode estar arraigado a uma forma mais tradicional ou tradicionalista, o peão de estância, o indivíduo mais rural. Por outro lado, podemos classificar como gaúchos os que nascem no Rio Grande do Sul e, portanto os que habitam as áreas urbanas também. Conforme refletido anteriormente, o tradicionalismo tem suas marcas arraigadas na exaltação do passado e na negação de muitos acontecimentos, buscando sempre os aspectos positivos de um povo. Já o que diz respeito à tradição, ou seja, o tradicional é característica quase que sempre atuante nas sociedades. Para LISBOA FILHO (2012, P.42)

(..) Isso leva à ideia de grupo de pertencimento, em um primeiro momento em função de fronteiras geográficas, embora seja esse um conceito de certa forma ultrapassado, tendo em vista as migrações, as quais são capazes de criar novas conexões, não mais considerando o espaço geográfico, mas os hábitos, os valores e os interesses comuns. Vide exemplo dos gaúchos que migraram para outros estados da federação ou países e levaram consigo aspectos de tradição, que resultaram na fundação de muitos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Também podem ser agregadas outras ideias à noção de gaúcho, como: a do sujeito pilchado (vestido com os trajes típicos), como única característica; a do gaúcho macho, forte e valente; a do gaúcho dos pampas; e mais recentemente, a do gaúcho urbanizado.

Este estudo faz o esforço de aliar a coexistências das diversidades que formam aquilo que conhecemos como gaúcho e suas diferentes representações em um mesmo programa, o Galpão Crioulo. Nas próximas subseções iremos dissertar sobre conceitos que também alicerçam o trabalho que são: Representação e Identidade gaúcha; e Identidade e diferenças.



REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE

A expressão identidade busca um conjunto de características que definam um grupo de pessoas, que se distinguem de outros grupos. As identidades se fazem existentes a partir dos atributos oferecidos na linguagem e no sistema simbólico em que são representadas, sendo assinaladas principalmente pela diferença. Desta forma, podemos afirmar que a diferença pode ser mantida pela supressão, além de ser uma das ideias essenciais para o entendimento do procedimento de edificação cultural das identidades. Os conteúdos que mais se enfatizam no GC se constituem como diferença em relação à vida cotidiana e a globalizada. Por isso mesmo, podem assumir força como traço de identidade regional.

Como demonstrado no capítulo anterior, os Estudos Culturais estão fortemente enraizados na história e nos aspectos culturais de um povo. Ou seja, a indústria cultural baseia-se nos valores e repertórios dos indivíduos para oferecer representações com as quais estes se identifiquem. Para realizar esta relação entre identidade e representação, este capítulo se constitui de três subcapítulos. Na primeira parte abordaremos os aspectos históricos e culturais do Rio Grande do Sul, através de Sandra Pesavento (1980). O segundo subcapítulo traz a Identidade e a Cultura regional com a contribuição de autores como Stuart Hall (2006) e Catarin Woodward (2001). E, para concluir o capítulo, demonstraremos alguns aspectos da representação gaúcha na televisão e a construção da gauchidade.

Para compreendermos sobre o que estamos falando quando nos referimos à identidade cultural precisamos compreender, de forma breve, como este conceito chegou a ser discutido tal como o percebemos na contemporaneidade. O processo pelo qual se faz necessário para entendermos o estágio atual é o panorama das crises das identidades. Hoje, as certezas do passado, principalmente aquelas que faziam alusão ao homem cartesiano foram amplamente questionadas, vivemos um tempo de um sujeito de identidades fragmentas e múltiplas, como afirma Kellner:

Desta forma, a identidade na modernidade tornou-se crescentemente problemática e o assunto da própria identidade tornou-se por si só um problema. De fato, somente em uma sociedade ansiosa com sua identidade, poderiam surgir os problemas de identidade pessoal, ou auto identidade, ou crise de identidade e tornarem-se preocupações e assuntos de debate (KELLNER, 1992 p. 143)



Outro autor que discute as concepções acerca de identidades é Stuart Hall (2006), para o autor há duas perspectivas que as identidades podem ser vistas. A primeira, a essencialista, com comportamentos e concepções acerca do mundo imutável, esse entendimento às vezes é até mesmo classificado como biológico, pelo motivo que o sujeito nasce com uma identidade e permanecerá com ela pelo resto de sua vida. É de relevância compreender que para uma perspectiva essencialista existe uma identidade autêntica, por exemplo, ser gaúcho é ser tradicional.

Segundo Stuart Hall (2006), existe três fases determinantes e distintas na concepção da identidade do homem, a primeira é a iluminista, depois a sociológica e por fim a pós-moderna. Na perspectiva iluminista, o homem é colocado como o centro, a identidade era estabelecida ao nascimento permanecendo igual ao longo da vida. Na perspectiva sociológica a lacuna entre o interior e o exterior ao homem é preenchida. Mas então, se a lacuna foi preenchida e se tem a consciência de que o homem é formado pelo constante diálogo social, por que existe uma terceira concepção? “Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão ‘mudando’. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado” (HALL, 2006, p.21). A identidade pós-moderna caracteriza o homem por um misto de identidades, as identidades são fragmentadas e constantemente são postas em conflito, prevalecendo umas e sucumbindo, momentaneamente, outras. Este é um viés não essencialista, onde as identidades são mutáveis e em constante combate com outras para a formação de si mesmas, ou seja, a diferença.

Entender os movimentos de ruptura de teorias epistemológicas é compreender de que maneira a concepção atual é estruturada e o que representa em termos de avanços e concepções, então, o sujeito é compreendido com um de identidades, a partir de descentralizações abordadas neste capítulo.

IDENTIDADE E DIFERENÇA

O outro caminho para compreensão de identidade cultural traz uma perspectiva que, apesar de parecer binária, ou seja, apenas duas instâncias se justifica pela compreensão do eu através do outro. A diferença tem a função de formatar a identidade cultural, por sistemas, muitas vezes de classificação, há a comparação, por exemplo: eu sou gaúcho porque não sou catarinense. Assim, o sentido da diferença nas identidades



nunca está completo, não se encerra em oposições fixas, mas ao invés disto permite que a identidade cultural esteja sempre aberta para outros sentidos adicionais e suplementares. A partir da concepção de Woodward (2000, p. 54) a diferença exerce a função que permitem a construção de fronteiras simbólicas entre as diferentes comunidades imaginadas. Trazendo para um contexto do trabalho, o gaúcho tradicional se impõe como tal pelo uso da pilcha, por exemplo, já o mais contemporâneo pelo uso de bens simbólicos que o caracterizam como tal.

Compreendemos então que as identidades também são construídas em relação às diferenças, como aponta Kathryn Woodward (2009), a construção identitária se dá por meio do tensionamento das diferenças, o que pressupõe em meio ao sistema simbólico, o selecionar e excluir marcas representativas com as quais o sujeito possa se identificar:

As identidades são fabricadas por meio da marcação das diferenças. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão. A identidade não é o oposto da diferença ela depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença- simbólica e social, são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios (WOODWARD, 2009, p. 40).

O programa GC, como trazido no início do trabalho maneja a identidade gaúcha, mas que é representada de diversas formas, ou seja, constituída por diversas diferenças, o trabalho do programa talvez seja justamente o de tensionar as possibilidades de apresentação de uma gauchidade televisual, em diversas situações, mesmo dando ênfase para um gaúcho mais tradicional, o gaúcho mais urbano não é esquecido pelo programa, constituindo assim diferentes gauchidades.

A REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO

Nas Ciências Sociais a ideia de representação social parte do conceito de representações coletivas, de Emile Durkheim (1975). O autor utilizava os adjetivos “social” e “coletivo” indistintamente, pois na sua concepção eles tinham a mesma significação. Ao fazer referência às representações coletivas o autor as definiu como as formas de conhecimento, do senso comum ao pensamento científico, ou seja, as ideias produzidas socialmente e que não podem ser explicadas como fenômenos da vida individual, tampouco podem ser explicados pelos fenômenos psicológicos. O homem



representa os objetos conforme a sua cultura, além, de possuir seu próprio repertório de representações, resultante de suas experiências particulares e subjetivas, Ou seja, as representações que o indivíduo faz do mundo e de si mesmo permitem a constituição da sua identidade – tanto individual quanto social. Em outras palavras, permitem a constatação daquilo que lhe difere dos demais indivíduos. As representações coletivas são as formas de pensamento que a sociedade elabora para expressar sua realidade, como as identidades, os sistemas de representação são cambiantes, são eles que dão forma à produção de significados. É através das representações que nos identificamos com o outro, colocando em xeque as nossas diferenças e afirmando nossas identidades. Como enfatiza Woodward:

A representação incluiu as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos. (WOODWARD, 2009, p.16).

Falar de representações sociais é colocar em pauta a comunicação, pois é no processo comunicacional que as representações sociais são geradas e emitidas. Como mostra Moscovici (2003), uma ação condiciona a outra, não é possível enunciar sem que acionemos determinadas representações e assim deixamos numa condição de representação plural, ou seja, compartilhada. Exatamente por isso, o autor considera a comunicação como parte dos estudos das representações sociais. Seus trabalhos marcam bem este postulado, visto que estabelecem a relação entre estes dois campos. Relação esta apresentada no próprio conceito de representações sociais formulado por ele: onde a comunicação coloca em conhecimento do outro aquilo que eu represento no íntimo, ou seja, uma primeira representação segue em direção a outra, a da comunicação.

Partimos destas primeiras reflexões acerca da representação para chegarmos onde, por muitas vezes, elas ficam em maior evidência, na mídia. Os estudos de Moscovici (2003) nos chamaram a atenção para o papel atribuído à comunicação midiática na popularização das teorias científicas. Segundo ele, a mídia exerce a função de mediadora entre o universo reificado (ciência) e o universo consensual e, como tal, possibilita que as teorias sejam socializadas, transportadas para o senso comum. Entretanto, isso não se constitui numa mera transmissão de informações, mas numa ressignificação em que a mensagem vai sendo alterada e recebendo sentidos novos a



partir de normas e valores coletivos, dando margem ao surgimento de outra teoria - a representação social - que servirá de guia para as práticas humanas.

A comunicação midiática é portadora e formadora de representações e, como tal, interfere diretamente na conduta dos indivíduos, conforme a dinâmica das interações realizadas entre sujeito e objeto, articuladas no âmbito do meio comunicacional. O conhecimento das representações sociais veiculadas pela mídia é de fundamental importância, tendo em vista que nos possibilita ter acesso a um conjunto de sentidos e significados que servem de referência para os indivíduos e grupos no seu processo de apreensão da realidade e nas suas práticas sociais. Partindo destes pressupostos, a importância da análise das representações sociais veiculadas nos discursos midiáticos para a formação da gauchidade, onde ela sai do âmbito pessoal e ganha voz no maior conglomerado televisivo do estado a RBS TV.

De acordo com Brignol citado por Lisboa Filho (2009, p.74)

A mídia representa hoje um dos principais espaços de vivência da identidade cultural gaúcha, pois, na sua dinâmica construção, ela é permanentemente visibilizada, discutida, experimentada e reordenada no ambiente mídia tico através de apropriações diversas feitas de produções locais e nacionais.

O GC serve então para a construção e uma identidade gaúcha, seja ela com as características que for, ou seja, com suas especificidades relacionadas a cada gênero e público do programa.

Deste modo, realizamos um esforço para entendermos, mesmo que de maneira breve, as concepções que giram entorno de alguns aspectos norteadores do trabalho. É interessante ressaltar, mais uma vez, que o estudo busca compreender a formação a representação da gauchidade e suas diferenças para o programa, ou seja, são diferenças acerca de uma identidade.

AS MÚLTIPLAS FORMAS DO GAÚCHO NO GALPÃO CRIOULO

Neste momento do trabalho será desenvolvida uma breve análise acerca das múltiplas gauchidades encontradas no GC, para isso utiliza-se o aporte metodológico da análise textual. É por meio de uma análise textual que buscamos compreender essas “marcas” deixadas na esfera da produção. Vale lembrar-se de Casetti e Chio (1999, p.250)



(...) los textos atribuyen regularmente una valoración a los objetos, a los comportamientos, a las situaciones, etc., y, a partir de ahí, les dan un <peso> diferente, según se juzguen de modo implícito o explícito.
(...) un texto siempre reflexiona, en mayor o en menor medida, sobre sí mismo y las informaciones que ofrece se inscriben en el propio acto de ofrecerlas.

De certa forma, essa valorização dos objetos, a intensificação dos comportamentos e situações aumentam exponencialmente quando os textos pertencem a um espaço midiático, ou seja, para analisar a mídia é necessário entender a amplitude e importância que os textos desempenham. A análise será composta somente pela abertura do programa. Com duração de aproximadamente 50 segundos e a trilha sonora “Origens” – sendo que dela utiliza-se somente o refrão para compor a vinheta.

“Eu sei que não vou morrer
Por que de mim vai ficar
O mundo que eu construí
O meu Rio Grande o meu lar
Campeando as próprias origens
Qualquer guri vai achar”

A letra desse refrão remete à imortalidade, mostrando a força da “tradição” gaúcha, que através de feitos do passado deixa marcas para ao que vem do futuro, para “qualquer guri achar”. Ainda, referindo-se a imortalidade enfatiza o seguinte trecho “eu sei que não vou morrer por que de mim vai ficar”, não há somente a letra que destaca esse momento, na melodia quando tal ponto é cantado há um batuque de bombos legueros⁵. Talvez a imortalidade seja resgatada em função das necessidades de afirmação de bravura e belicosidade que as lutas e confrontos constantes demandavam. A letra mostra também o estado do Rio Grande do Sul como um grande lar, na passagem “o meu Rio Grande, o meu lar”. Há a presença do verbo “campear”, próprio do linguajar típico do interior, fazendo remissiva às lides campeiras. Mas a busca das origens, que se associa ao “campear”, demonstra o valor da preservação da memória e, de certa forma, o respeito pelos feitos das gerações anteriores.

⁵ É um instrumento de percussão originário da Argentina. Seu nome, *leguero*, vem do fato de que este instrumento pode ser ouvido até duas léguas de distância.



A parte imagética da vinheta inicia com a de uma casa antiga, em meio ao campo verde, à esquerda observa-se a presença de um cavalo, demonstrando assim, o tema rural, passando a cena observa-se uma chaleira sendo aquecida por um fogo de chão, logo após este instante dois bonecos, que simbolizam um peão e uma prenda aparecem “mateando”⁶. Após estes primeiros instantes, a tela é tomada por um quatro desenhos animados que estão tocando e cantando, em volta de uma fogueira feita no chão. Nas cenas subsequentes a câmera passa por diversos animais, começando por vacas, seus sons são reproduzidos, logo após por cavalos. A câmera segue em direção ao sol, chegando nele se dá o fim da vinheta de abertura. É interessante ressaltar que a vinheta é composta por desenhos, ou seja, foi realizada por efeito de computação gráfica.

A abertura do programa enfatiza a vida no campo, a tranquilidade e o cotidiano rural, que marca a história de formação tradicionalismo e busca o “estilo” campeiro gaúcho. Os peões não representam nada em específico, apenas o modo tradicional, todos os personagens da vinheta estão pilchados a rigor, com lenço da cor vermelha⁷. As mulheres são pouco retratadas na vinheta, mostrando o caráter residual da vinheta, onde a representação da identidade gaúcha se dá por deixar o homem em evidência, mas que é refutada no momento que há uma mulher na apresentação do programa. A roda de canto também não contém nenhuma integrante feminina. As imagens repetidas de cavalos mostram o quanto esse animal acaba sendo um grande aliado, permitindo ao peão deslocar-se, quanto aos animais bovinos representam a grande fonte da economia e de alimento, que muitas vezes compõem o churrasco, que é tido como uma das marcas do gaúcho. Os animais ainda, podemos dizer, que pertencem a história do Rio Grande do Sul, pois um homem montado num cavalo demonstra sua virilidade. Os elementos ora descritos fazem parte da gauchidade em sua forma mais tradicional.

É interessante ressaltar algumas composições acerca das diferenças da gauchidade. Em grande parte da vinheta observa-se a composição tradicional, que remete a um passado e ao orgulho dele, mas tensionamentos são vistos, por exemplo, no material utilizado para criar a vinheta, recursos gráficos feitos em computadores, ou seja, dispositivos contemporâneos. Os desenhos animados mesmo representando o mais

⁶ Tomar um mate, chimarrão.

⁷ O lenço vermelho, também conhecido como maragato representa o símbolo federalista. Seu primeiro idealizador foi Gaspar Martins.



tradicional da identidade remetem graficamente a uma decodificação capaz de entender os desenhos.

A abertura do programa e o primeiro bloco não são feitas separadamente, ou seja, não há intervalo comercial entre a vinheta e a primeira atração do programa. Porém, a marcação do fim do que chamamos de “introdução” do programa se dá pela apresentação da vinheta. Por exemplo, no dia 8 de setembro, primeiro programa considerado para análise, Neto Fagundes fala:

Eu sou gaúcho e me orgulho, na luta madruguei cedo, um dia briguei com a morte e a morte tremeu de medo. Por isso, eu sigo a cavalo e de lança na mão, sou noivo da liberdade, solteiro eu não morro não. Com estes versos meu tio e amigo Antônio Augusto Fagundes já visualizava o futuro da nossa cultura, a tradição não tem medo do tempo que venham as novas gerações para continuarmos escrevendo com orgulho a nossa história.

É então que Shana Muller também discursa dizendo:

É no mês de setembro que ser gaúcho se evidencia ainda mais no ritual do chimarrão, do churrasco, das rodas de amigos, de vestir a bombacha e ouvir os acordes das músicas do sul. Por todo o Rio Grande e até fora daqui o mês farroupilha é o momento de reverenciar a nossa cultura, a nossa terra e tradições. O Galpão Crioulo vem fazer parte desta grande festa.

Dessa forma que os dois apresentadores se juntam e falam o grande “bordão” do programa: “bom dia gaúchos (Neto Fagundes), bom dia gaúchas (Shana Muller), de todas as querências (os dois juntos)”. Neste momento se contabiliza 1 minuto e 12 segundos de programa, é então que a vinheta de abertura marca o fim da primeira parte. No primeiro momento sempre se anunciam as atrações que virão após o primeiro bloco, convidando o espectador a permanecer assistindo ao programa, prestigiando os convidados e a plateia. A base do programa é musical, mas pode apresentar entrevistas, declamações, pajadas⁸, como no primeiro programa analisado, danças, entre outros.

Pelo que podemos observar, o programa possui modos diferentes de apresentação: no estúdio sem Auditório e programa show (de palco), esse último comprado por cidades e, portanto com plateia. Outro aspecto percebido é que os programas abertos não seguem um padrão muito delimitado, eles são realizados em

⁸A pajada gaúcha é resultante de uma adaptação da pajada castelhana realizada que teve início com o cantor e compositor Jayme Caetano Braun.

CTG's, praças públicas e etc. Mas, buscam sempre um discurso de tradicionalismo, por exemplo, no programa do dia 22 de setembro, enquanto músico *Mano Lima* se apresentava atrás do palco se faziam presentes cinco casais que dançavam a música, os casais usavam a indumentária tradicionalista gaúcha, ou seja, por parte dos homens: chapéu, bota, bombacha, colete e lenço. E das mulheres: saia de armação, sapatilhas e vestido de prenda. Conforme ilustra a Figura 1:



Figura 1: O show *Galpão Crioulo*

A observação geral do programa também permitiu entender que não existem muitas convergências entre o GC e os outros produtos da emissora. Essas interfaces podem se dar, eventualmente, em chamadas para o GC contidas em outros programas, mas de fato é bem escassa.

Em relação à audiência, obtida entre os meses de janeiro e setembro, se obteve os seguintes números: *Share* 51 por cento, o que significa que de todas as televisões ligadas no estado, 51% delas estão sintonizadas no GC. Os pontos de audiência são em média de sete.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho foi possível visitar lugares de constituição de um gaúcho que passa por diferentes representações, compreender que há um discurso dominante no Galpão Crioulo, importante é identificar que também existem outros, mais velados, é verdade, mas que constituem a gauchidade representada pelo programa. Como por exemplo, na abertura há sem dúvida a gauchidade mais tradicional, pautada pela representação da bravura, belicosidade, das rodas de chimarrão e o rural, mas que



entram em confronto com uma lógica discursiva elaborada pela tecnologia, que de certa forma representa a gauchidade moderna.

Com os nossos anseios, vimos que era possível atender aos questionamentos através da análise textual realizando tensionamentos com cada gauchidade do GC. Chegamos então ao entendimento que é uma identidade gaúcha no Galpão Crioulo construída por diversas diferenças em ser gaúcho. De forma mais simplificada, a identidade gaúcha no programa é representada por diversas gauchidades.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CASSETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. **Análisis de la televisión:** instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Paidós: Barcelona, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** São Paulo, , Martin Fontes,2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) **Representation.** Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia:** estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **Mídia regional:** gauchidade e formato televisual no Galpão Crioulo, RS. 2009. 232f. Tese (Doutorado em ciências da comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2009.

_____. **A gauchidade midiática no RS: apontamentos sobre a cultura regional na mídia.** Revista Comunicação Midiática, v.7, n.1, p.40-57, jan./abr. 2012.



MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura.** México: Fondo de cultura económica, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jathay, História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980b.

SANTAELLA, Lucia. Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade. In: ARAUJO, Denize Correa. (org.) **Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.